

Jorge Dias de Deus

Carlos Herdeiro

Departamento de Matemática, Universidade de Aveiro



Quando Isaac Newton morreu, em 20 de Março de 1727, foi enterrado na abadia de Westminster. O seu caixão foi carregado por membros da nobreza, num funeral digno de um rei. Alguns anos depois, o poeta Alexandre Pope escreveria como epitáfio

“Nature and Nature’s laws lay hid in night; / God said, Let Newton be! and all was light.”

Newton inspirou, e até assombrou, os seus pares. Pierre-Simon Laplace terá afirmado, com algum pesar, que “existia apenas um Universo, e por isso apenas um Homem poderia descobrir a sua lei fundamental”. Essa lei era a lei da Gravitação Universal, uma das grandes glórias de toda a ciência. E esse Homem foi Newton.

Volidos mais de dois séculos, no dia 18 de Abril de 1955, foi a vez de outro dos verdadeiramente grandes da ciência, Albert Einstein, partir. Num famoso cartoon, publicado no *Washington Post* do dia seguinte, Herber Block ilustrou a Terra vista do espaço com um cartaz onde se lê “Einstein viveu aqui”. Sim, o terceiro calhou a contar do Sol poderia perfeitamente ter esse cartaz como cartão de visita.

Einstein foi eleito “pessoa do século” pela revista *Time*, inspirou e continua a inspirar físicos e não físicos. É por muitos celebrado como o sucessor de Newton, sendo a sua contribuição maior, precisamente, destronar a lei da Gravitação de Newton com a sua extraordinária Relatividade Geral, uma obra de arte científica muito à frente do seu tempo.

Pessoas de ciência, e físicos em particular, orgulham-se de pertencer ao mesmo ofício de Newton e Einstein. Contudo, Newton “só viu mais longe por estar sobre ombros de gigantes”, como (no caso da sua lei da gravitação) Johannes Kepler, Tycho Brahe e outros. Também Einstein se empoleirou em Carl Friedrich Gauss, Bernhard Riemann, James Clerk Maxwell, Hendrik Lorentz, Hermann Minkowski, entre outros para descobrir a Relatividade Geral.

Os “monstros” da ciência são o topo de pirâmides, e nas pirâmides as bases têm de ser robustas. Transpondo para a realidade do Sec. XXI, a base da pirâmide que poderá ter

como vértice novos visionários da ciência é a educação científica.

A educação nas escolas, em todos os níveis de ensino e em particular nas Universidades é o fundamental para dar futuro à ciência. Mas também o é a educação do grande público, através da comunicação e divulgação de ciência. E este processo educativo estará mais próximo de criar os próximos visionários da ciência se conseguir fazer a ponte para aquilo que é fazer ciência, desmistificando esta atividade e mostrando-a como um contributo despretensioso, com regras de rigor, método e ética, para um esforço coletivo que busca o esclarecimento e o bem comum.

O nosso país tem um défice científico crónico, mas deve ter a legítima ambição de se elevar, também na ciência, à altura do melhor da sua História. Para esta elevação, o papel educacional nas suas várias vertentes, bem como a ponte com o trabalho científico assume ainda maior urgência e importância. E se hoje estamos (e certamente estamos) em muitas áreas a dar cartas a nível internacional, frequentemente com menores recursos e maiores incertezas, é porque alguns visionários, daqueles que constituem pilares da pirâmide, tomaram como missão mudar o panorama da ciência, do seu ensino e dos seus recursos, em Portugal, nas últimas décadas. E para o fazer, foi necessária uma mente aberta, inclusiva, multidisciplinar, empenhada na inovação educativa e na boa comunicação dessa ciência.

Jorge Dias de Deus fez precisamente este papel, com mérito e com resultados. A sua inovação formativa com os cursos superiores cuja criação estimulou e se tornaram referências nacionais; as suas iniciativas de comunicação com públicos alargados incluindo os seus livros de divulgação; e a sua atitude sagaz e multidisciplinar de constante estímulo e ênfase na investigação como parte natural e obrigatória da missão das Universidades, numa altura em que isso não era um dado adquirido na academia portuguesa, deixaram marcas que perdurarão bem para além da sua vida física.

As celebrações de vidas e legados são, antes de mais, homenagens a percursos com mérito, que inspiraram e tocaram outros seres Humanos. Mas apresentam-se, adicionalmente, como a oportunidade de relembrar que estes percursos podem e devem continuar a inspirar. E, no contexto do que é a ciência atual, futuras contribuições relevantes, em particular da comunidade portuguesa, necessitam de mais Jorge(s) Dias de Deus a pavimentar o caminho para o fortalecimento da ciência rigorosa como um pilar da nossa sociedade.

Acresce que, como está a ser mais uma vez comprovado durante esta pandemia, a ciência é a nossa grande arma civilizacional contra a fragilidade da nossa presença no Universo.